

A Palavra do Leitor

Considerações sobre "Xingu Terra"

Do Indianista Orlando Vilas Boas:

"A desinformação da Sucursal de Brasília na apreciação do filme "Xingu Terra" foge das normas desse conceituado jornal. Houve, o que está patente, uma predisposição em desvalorizar o filme, sem a preocupação de uma análise criteriosa. As referências ao Parque como área de reserva foram completamente infundadas. Quem teria dado tais informações ao repórter? O que foi escrito está claro que não foi crítica ao filme; foi, isso sim, lembrado por alguém que conhece a área e que, não sabemos por que motivo, distorceu as informações dadas ao repórter.

"Inicialmente, devo dizer que não quero tomar tempo e espaço para falar sobre Maureen Bisilliat no campo da documentação. Bisilliat foi inglesa, hoje é brasileira por opção (naturalizada) com 30 anos de permanência na sua nova Pátria. No mundo da informação, da documentação, Maureen é sobejamente conhecida, citada e respeitada aqui e no exterior.

"Foram tantos os pontos referidos e criticados na reportagem, que só mesmo enfileirando-os para esclarecer. Inicialmente vem o paraíso xinguano. Realmente é um paraíso que a civilização não conseguiu, até agora, destruir. Ali vivem 16 aldeias na forma da sua cultura tradicional. Não lutam pela sobrevivência física (como foi dito no jornal), pois eles e a natureza se compõem num só mundo. A natureza se oferece ao índio como ele se identifica a ela. Quem disser que isso não acontece com o xinguano ignora completamente o que vem a ser o índio. Nos 38 anos ininterruptos que vivemos com aqueles índios, não presenciamos, um só ano que fosse, um único grupo com carência alimentar. Mais absurdo do que isso é imaginar um índio xinguano pedir esmola.

"Por outro lado, falar que o xinguano morre de gripe, coqueluche ou sarampo ou, ainda, por carência de vacina é uma afirmação que carece de verdade. Em julho realmente faleceram 6 a 8 num surto forte de sarampo. Teriam morrido 100 ou 200, não tivessem eles a assistência curativa e preventiva que a Escola Paulista de Medicina ali desenvolve há mais de 15 anos com muita dedicação. O sarampo em verdade entre os índios faz vítimas, só a vacina específica os resguarda, reduzindo quase que totalmente o número de óbitos. A vacina, portanto, não imuniza de maneira absoluta ou total. A falha é científica, não de descuido.

"A referência ao Yamuricumá, foi uma das mais infelizes. Este significativo cerimonial, só encontrado entre os índios xinguanos, é realizado em cada 10 ou 12 anos. Quando ele vem a ocorrer movimentam-se os estudiosos do assunto, na esperança de assisti-lo e documentar. Nesta última cerimônia não houve preocupação dos nossos pesquisadores em estar presentes. Somente a documentarista Bisilliat e o antropólogo Tom Gregor, da Universidade de Vanderbilt, em Nashville, assistiram a este Yamuricumá. Maureen documentou, Gregor assistiu. O conteúdo do ritual mítico com grande efeito mágico, bem falado por Aluruá, Chefe Meinaco e filmado por Maureen, poucos tiveram o privilégio de entendê-lo. Quando o Chefe Meinaco fala que sua gente está pobre, que não pode mais dançar, nem lutar, que todos estão fracos, ele nada mais está fazendo do que repetindo as normas culturais difundidas por todas as aldeias. Humilhando-se diante do visitante, ele o enaltece. É um ritual. Esse sentido não se há de querer que todos se apercebam dele. Só o convívio faz isso possível. Aos que forem sensíveis se torna possível intuir esse valor cultural. E pena! Até o significativo Kanitar na multiplicidade das cores das penas da arara, do gavião, do ricongo e do mutum se transformou em natureza morta aos olhos do repórter.

"O Parque do Xingu é uma exceção. As aldeias do Sul jamais tiveram preocupação com suas terras. Estão demarcadas e são respeitadas. Nunca houve intruso, não sabem o que é isso. Suas lavouras são intocadas. A fartura campeia na aldeia. Para o "inverno" (chuvas) guardam reservas substanciais. Em um cesto cilíndrico imenso, verdadeiro silo, armazenam seu principal alimento, que é polvilho da mandioca, que é a base da sua alimentação, consumido sempre na forma de beiju, com peixes e variedades de outras caças, abundantes na região. A escola é coisa recente. Ela já foi implantada e funciona. Servirá para o futuro como uma arma a mais na defesa do seu patrimônio, mais cultural do que físico.

"Num ponto concordamos com a reportagem. A narração foi monótona. Melhor seria se fosse de um profissional. Quero esclarecer que o "Xingu Terra" não foi "bolado" em gabinete, com roteiro bem estudado. Yamuricumá, motivo do filme, simplesmente aconteceu. O dono do Yamuricumá das mulheres lendárias é um índio Iaualapiti (não Valapitim como ficou documentado). A máquina de Maureen ficou à margem do pátio da aldeia. Tudo que acontecia foi sendo registrado, cenas e falação. Diante das cenas foi que compusemos a narrativa. Não tínhamos voz e nem intenção de fazê-la bonita, à maneira dos narradores.

"Para finalizar estranhemos que o autor da apreciação do filme tenha considerado exótico aquilo que achamos essencialmente indígena e, por ser indígena, autêntico. A não ser que o crítico tenha classificado o Yamuricumá como esquisito, esdrúxulo, extravagante. Se essa foi a intenção ou a sua maneira de ver, lamentamos o quanto o nosso pobre índio é ignorado. Não reconhecer num povo direito a sua cultura, é pior do que roubar-lhe a terra."